

Companheiros

O processo eleitoral já aconteceu. Foi eleito o representante das esquerdas com uma votação incontestável, gente com tendências que não são nada animadoras para quem trabalha na área da saúde.

Até aqui os governos não se preocuparam muito com saúde e educação mesmo sendo considerados liberais e democráticos. No governo que agora se esvai a classe médica no geral e a radiológica em particular “comeu o pão que o diabo amassou”. Nunca tantos passaram e estão passando por tão significativas dificuldades do que a que experimentamos nestes oito anos de governo FHC, particularmente no 2º mandato, com as sucessivas crises cambiais a partir de janeiro de 1999.

Nunca em tempo algum tínhamos ouvido falar em retirada de equipamentos, em radiologistas listados no SERASA, em financeiras perseguindo profissionais e clínicas.

O governo que assume em janeiro próximo nos deixa esperançosos de tempos melhores. Porém nos contatos iniciais com a imprensa já podemos sentir uma instabilidade grande de quem fala pelo próximo governo, numa absoluta e total incompreensão dos problemas brasileiros ou de um projeto de governo consistente e claro para que possamos acreditar que vieram para melhorar a situação do nosso país.

Esquecendo o que se passa com as outras categorias, me preocupa imaginar o que pode acontecer com a nossa comunidade, cheia de companheiros que sempre procuraram resolver suas idiossincrasias sem se preocupar com o futuro, com o próximo e com nossas reais necessidades de reivindicação.

Já começaram em São Paulo movimentos sindicalizados e de diversas organizações, que de forma ordenada exigem melhores condições de trabalho e salários, pois sempre procuraram a unidade para reivindicar resultados.

Em particular a nossa classe passa por uma fase de franca desestruturação. Nossos valores não são considerados, nossos custos crescentes, nossas necessidades de

sobrevivência, não são levados em conta pelos que conosco negociam a atividade radiológica. Se vamos sobreviver ou vamos a bancarrota, isto não interessa a eles. O episódio recente do reajuste do metro quadrado do filme foi um exemplo marcante de qual é o nível de respeito e consideração para com os radiologistas. Com alegações estapafúrdias, mentirosas e hilariantes deram de ombros às nossas reivindicações. Enquanto fazemos o bom nome destas estruturas elas usam do nosso prestígio para edificar unidades próprias marginalizando os profissionais da área.

Companheiros: o exemplo da recente vitória do candidato à presidência da república tem um significado: perseverança, persistência, objetivos, unidade de pensamento e conduta. Levou anos, mas conseguiu. Se ele tem capacidade de mover esta locomotiva chamada Brasil, isto são outros quinhentos...

Mas o exemplo deveria ser seguido. Se voltarmos a ter unidade, se conseguirmos mobilizar a todos, se confrontarmos com os que tentam nos destruir é possível que consigamos sobreviver. De outra forma, se continuarmos nesta pasmaceira, vamos aplaudir o sucesso das multinacionais, que fazem bem o estilo dos interesses do governo federal: haverá bastante emprego escravo no país inteiro e a radiologia, assim como a pneumopelvigrafia, o retropneumoperitônio diagnóstico, a broncografia, a linfografia serão coisas do passado, apesar da tomografia multi-slice, apesar da ressonância magnética T1/T2, apesar da espectroscopia, do Doppler color, e das eventuais novidades que o mundo moderno for capaz de inventar.

É apenas uma questão de opção.

Dr. Luiz Karpovas é Diretor do Boletim do CBR, Diretor de Defesa Profissional do CBR e Presidente do CIR

